

RESSIGNIFICANDO O ESPAÇO URBANO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA

CLARISSA GRASSI

Mestre em Sociologia, Especialista em Marketing (FAE Business School),
Graduada em Comunicação Social (Habilitação em Relações Públicas).
Pesquisadora Cemeterial na Fundação Cultural de Curitiba.
clarissa.grassi@gmail.com

RESUMO ABSTRACT

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula é a primeira necrópole de Curitiba e possui um vasto acervo de exemplares arquitetônicos e obras de arte que guardam os restos mortais de personalidades e anônimos desta cidade. Este artigo tem como objetivo relatar o processo de estudo e levantamento dessa paisagem cemeterial que deu origem ao projeto multidisciplinar “Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula – arte e memória no espaço urbano”, lançado no ano de 2011. O projeto é composto por um estudo multidisciplinar entre as áreas de história, arquitetura, geologia e arte. Desdobrou-se em publicações impressas e na implantação de visitas guiadas desde 2011, que já atenderam mais de 5000 pessoas.

Palabras Clave:

paisagem cemeterial; educação patrimonial; Curitiba cultural, topofilia.

The Municipal Cemetery São Francisco de Paula is the first necropolis of Curitiba, Paraná and it has a vast collection of architectural copies and works of art that guard the remains of personalities and anonymous of this city. This article aims to report the process of study and survey of the cemeterial landscape that gave birth to a multidisciplinary project named “Guide of Visitation to the Municipal Cemetery São Francisco de Paula-Art and Memory in Urban Space” launched in 2011. The project is composed of a multidisciplinary study between the areas of history, architecture, geology, and art. It has unfolded in printed publications and in the implementation of monthly guided tours since 2011 which have already attended more of 5000 people.

Keys word:

cemeterial landscape; heritage education; Curitiba



SE HÁ UM FATO comum a toda existência humana é a morte. Ainda que tenha adotado diferentes formas de lidar com a finitude ao longo do tempo, o ser humano continua sendo o único animal que tem necessidade de ocultar o cadáver. Seja pela inumação, cremação ou até práticas de canibalismo, modalidades diversas de enterramento e dispositivos funerários revelam e acompanham mudanças significativas em diferentes formas de se lidar com a morte e o morto (MOTTA, 2008, p.15).

A proximidade com o cadáver, tanto em sepultamentos realizados no perímetro das propriedades na Antiguidade, quanto

no piso das igrejas durante a Idade Média, foi um marcador da relação entre mortos e cidade. No Brasil, o regime de união entre igreja e estado, que mantinha o catolicismo como religião oficial, fez com que as modalidades de enterramentos *ad sanctos* (dentro dos templos católicos) e *apud ecclesiam* (no terreno ao redor dos templos) predominassem tanto nas cidades quanto na zona rural (CAMPOS, 2004, p. 254, *apud* RODRIGUES, 2014, p. 176). Tal prática excedia o aspecto de enterro em solo sagrado e revestia-se de uma aura salvacionista, pois o destino dado ao cadáver estava implicado no processo de salvação da alma.

Com a consolidação do discurso higienista no século XIX, foi determinada a expulsão dos cadáveres do quadro urbano e a abertura dos cemitérios extramuros. Os mortos deixaram de coabitar com os vivos nas igrejas existentes nas cidades e foram afastados do quadro urbano, livrando a população da proximidade com os miasmas e seu poder de contaminação.

Enquanto nas igrejas a legislação eclesiástica, contida nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, vetava a manipulação privada das representações funerárias regulamentando o formato dos túmulos contra a expressão da vaidade (CYMBALISTA, 2002, p. 72), nos cemitérios extramuros a modalidade de sepultamento em covas individuais e de uso perpétuo inaugurou a possibilidade para famílias constituírem a memória dos entes queridos através de formas de representações tumulares. Dessa forma

[...] a arquitetura é explorada em toda sua potencialidade, para produzir a identificação e a diferença, seduzindo, intimidando, propondo novas e velhas maneiras de se representar a morte e os mortos. Cada túmulo assume características e identidade próprias – a mediação desejada e possível entre tantos elementos, entre os quais a riqueza disponível (ou a simulação dela), a importância afetiva ou social do morto, o repertório formal e estilístico disponível localmente

(ou a capacidade de buscá-lo mais longe), a escolha por materiais abundantes ou escassos, a necessidade ou vontade de evocar o espaço sagrado (ou de afastá-lo de vez) (CYMBALISTA, 2002, p. 72).

Catroga (1999, p. 19), aponta que todo signo funerário tem uma significação monumental, dado que só o monumento assegura a imortalização na terra. O autor defende que o cemitério funciona simultaneamente como um

texto objectivador de sonhos escatológicos (transcendentes e/ou memoriais) e como um espaço público e de comunhão, isto é, como um cenário miniaturizado do mundo dos vivos e como um teatro catártico de lutos, bem como de produção e reprodução de memórias, de imaginários e de sociabilidades (CATROGA, 1999, p. 27).

A arquitetura tumular torna-se, nesse sentido, uma ferramenta para a obtenção de representações de estilo de vida e status, além da questão da distinção. O cemitério oitocentista revestiu-se como palco em que o desejo burguês de sobrevivência individualizada foi levado às últimas consequências, daí

[...] a morada do morto se tenha arquitectonicamente elevado, não só a sucessora e sucedânea do "tecto eclesiástico" (o jazigo-capela), mas também a "casa", e que a sepultura, tal como a *casa da família* (dos pais, dos avós), tenha passado a ser o outro centro privilegiado de *identificação* e de *filiação de gerações*. E todas estas necessidades simbólicas fizeram da necrópole um analogon da cidade dos vivos (CATROGA, 1999, p. 17, grifo do autor).

Para Motta (2008), os cemitérios extramuros desempenham uma espécie de eficácia simbólica da conservação da memória ao materializar monumentos arquitetônicos de jazigos individualizados, em torno dos quais se desenvolvem práticas, cultos e produções de

natureza simbólica diversa. Entre suas lápides e sepulturas, oferecem uma história a ser recontada. Famílias imprimiram através da arte tumular o sentido que a morte passou a adquirir depois do século XIX, a chamada morte burguesa (ARIÈS, 2003). É o período áureo da arte tumular, recorte em que a construção de túmulos monumentais e a utilização de esculturas e adornos tumulares é frequente, e que, no Brasil, acontece entre 1860 e 1930 (ARIÈS, 2003; VOVELLE, 1997; MOTTA, 2008).

Classificados como “museus a céu aberto”, essas necrópoles trazem muito mais do que o culto aos mortos (BORGES, 2004, p. 137), coloca que os cemitérios convencionais do século XIX repletos de símbolos artísticos fantásticos e variados, transcenderam sua qualidade meramente utilitária para se transformarem em monumentos históricos de grande valor cultural.

O CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA

Inaugurado em 1º de dezembro de 1854 pelo primeiro presidente de província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcellos, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula é a primeira necrópole de Curitiba/PR. Ocupando um terreno em formato trapezoidal, está implantado junto à Praça Padre João Sotto Maior, no alto do bairro São Francisco, próximo ao centro histórico da cidade. Com 51.414m² de área, possui 139 quadras que albergam 5.743 túmulos, onde cerca de 80 mil pessoas já foram sepultadas.

Foi com o objetivo de explorar a potencialidade histórica, artística e cultural do primeiro cemitério de Curitiba, que no ano de 2011, foi dado início ao projeto *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula – arte e memória no espaço urbano*, composto por um guia de visitação impresso bilíngue e a realização de visitas guiadas. Para que o enfoque à paisagem cemiterial fosse o mais amplo possível, trazendo informações não apenas sobre a diversidade de edificações e suas peculiaridades, mas também sobre as



Il. 1: Vista aérea do cemitério municipal.
Fonte: SMCS.

personalidades ali inumadas, buscou-se um aporte multidisciplinar, envolvendo as áreas de geologia, história, arquitetura, sociologia e arte.

O PROJETO

A proposta, então inédita, foi desenvolver um estudo que apresentasse a necrópole a partir do túmulo de suas personalidades, aglutinando biografias em dez trajetos temáticos contemplando as seguintes informações:

- Arquitetura: elencar os túmulos com os principais referenciais arquitetônicos presentes;
- Geologia: pontuar a geodiversidade presente nos túmulos, identificando a origem das principais rochas utilizadas;
- Arte Tumular: selecionar os túmulos cujas esculturas e adornos possuem maior expressividade estética e artística no contexto deste cemitério;
- Músicos: maestros, compositores e intérpretes;

- Artistas: pintores, fotógrafos, escultores e ilustradores;
- Intelectuais: poetas, jornalistas e escritores;
- Empresários: empresários de destaque entre o final do século XIX e início do XX;
- Políticos: governadores, deputados, prefeitos e demais figuras políticas de destaque;
- Personalidades: personalidades pioneiras em suas áreas;
- Ritos e Fé: pontuar os milagreiros do cemitério, personalidades ligadas à diferentes religiões e túmulos com simbologias ligadas à ritos e religiosidades.

O processo de seleção foi realizado em duas etapas: uma pesquisa bibliográfica inicial e uma pesquisa de campo de todos os profissionais envolvidos. Dessa forma, foram contemplados não apenas os túmulos de valor histórico, mas também aqueles com relevância arquitetônica, artística e geológica. Inicialmente cerca de 500 edificações/personalidades haviam sido elencadas. Deste número, 99 edificações/personalidades foram escolhidas e alocadas nos trajetos temáticos correspondentes para que a segunda fase de pesquisa fosse iniciada, com a pesquisa individual de cada uma das personalidades, assim como o contato com as famílias para aprofundamento das informações e obtenção de autorização de uso das imagens dos túmulos.

Os textos desenvolvidos contemplaram a biografia resumida de cada uma das personalidades, além do enquadramento tipológico do túmulo e a indicação de sua referência arquitetônica. Os materiais rochosos foram identificados e os adornos e esculturas dentro da arte tumular tiveram seus significados explanados. Todos os túmulos foram fotografados e tiveram seus textos ilustrados com imagens dos detalhes dos túmulos, além de fotografias providas de acervos familiares, e imagens de relevos de autoria do escultor João Turin, que retratou algumas das pessoas biografadas. (Il. 2a e 2b)

Q51 R31 L1

ANDRÉ DE BARROS

enfermeiro, farmacêutico

* 1855 † 1923

André Pinto de Barros nasceu na Vila da Conceição do Norte, estado de Goiás, em 1855. Filho de Miguel Pinto de Barros e de Gabriela Ferreira dos Santos, serviu ao Exército no período da Guerra do Paraguai, quando atuou como enfermeiro em um batalhão de Infantaria.

Posteriormente, foi transferido para Curitiba, onde começou a atuar na Enfermaria de Circunscrição Militar, órgão que daria origem ao Hospital Militar. Pediu baixa e foi trabalhar na farmácia de João Francisco Corrêa, onde permaneceu até 1893, quando abriu sua própria farmácia.

Embora fosse um homem taciturno, de olhar triste, sua bondade era conhecida por todos. Foi Provedor da Santa Casa de Curitiba entre 1920 a 1922, período em que desenvolveu vários tipos de melhorias como a instalação de um laboratório de análises clínicas.

Ao falecer, em 12 de janeiro de 1923, deixou boa parte de seus bens para a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, que foi beneficiada com a renda de diversos imóveis, além da quantia que foi destinada à construção de um novo pavilhão. Beneficiou também amigos, sua empregada (que herdou a casa de André) e diversas outras instituições dedicadas aos necessitados.

Apesar de ter pedido por um funeral simples, a Mesa Diretora da Santa Casa relegou ao escultor João Turin a tarefa de planejar seu túmulo. Seu jazigo monumento pode ser considerado uma estela monumental. A volumetria lembra um jazigo capela, com linhas retas, possuindo o escalonamento característico do art déco.

A composição de linhas retas e leves curvas conferem a elegância e simplicidade ao conjunto, que não possui espaço interno aparente, lembrando um monólito esculpido em pedra. O escalonamento intencionalmente amplia a altura da edificação, conferindo a monumentalidade desejada. O coroamento é em laje plana de planta quadrada, e no eixo desta destaca-se uma pequena cruz também em pedra, lembrando também o caráter sacro da edificação.

Turin esculpiu um busto de André de Barros, cuja réplica encontra-se na entrada do Hospital da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Atrás do busto está uma alegoria à caridade, que traz a figura de uma mulher cercada por duas crianças e em cujo fundo encontram-se ramos de erva-mate. O motivo da erva-mate também foi aplicado em forma de frisos em relevo emoldurando o baixo-relevo. Trata-se da primeira obra de Turin a trazer características do estilo paranaense, incluindo o monumento entre os túmulos com características paranistas.

Logo abaixo do busto consta a inscrição em latim *Pauperi nomen tuum benedicunt*, que em tradução livre significa Os pobres abençoam seu nome. Uma justa homenagem a um homem que se dedicou à caridade e aos necessitados.





ANDRÉ DE BARROS

nurse, pharmacist

André Pinto de Barros was born in Vila da Conceição do Norte, in the state of Goiás, in 1855. The son of Miguel Pinto de Barros and Gabriela Ferreira dos Santos, he served the Army during the Paraguayan War, when he acted as the nurse for the infantry battalion.

He was later transferred to Curitiba, where he started working in the Infirmary of Military Circumscription, an agency that would later become the Military Hospital. He requested to leave the Army and went to work on João Francisco Corrêa's pharmacy, where he remained until 1893, when he opened a pharmacy of his own.



Though he was a taciturn, sad-looking man, his goodness was well known by all. He worked at Providor Curitiba's Santa Casa between 1920 and 1922, a period in which he developed many improvements such as installing a laboratory for clinical analyses.

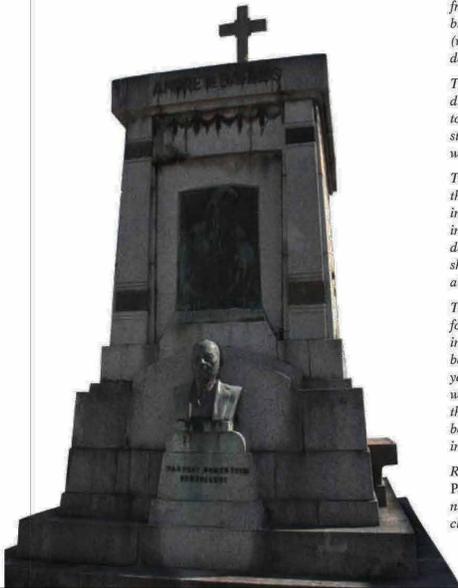
By the time he died, in January 12, 1923, he left most of his possessions to Santa Casa de Misericórdia, which benefited from the revenue coming from the real estate it inherited from him, as well as from the money that was granted to build a new pavilion. He also benefited his friends, his maid (who inherited André's house) and several other institutions dedicated to the less fortunate.

Though he'd requested for a simple funeral, the boarding directors of Santa Casa commissioned João Turin to design his tomb. His charnel house might be considered a monumental stele. Its volumetry is reminiscent of a chapel charnel house, with straight lines and the slopes typical of art deco.

This straight-lined and smooth-curved composition confers the set a touch of elegance and simplicity, leaving no apparent internal space, reminiscent of a stone monolith. The slopes intentionally enlarge the building's height, which confers it the desired monumentality. The crown is a plain slab and square shaped, and on its axis a small stone cross stands out, calling attention to the building's religious aspect.

Turin built a bust of André de Barros, whose replica can be found on Santa Casa de Misericórdia's Brotherhood Hospital in Curitiba. Behind the bust lies an allegory to charity, which bears the image of a woman surrounded by two children, with yerba-mate leaves in the background. The yerba-mate motifs were also applied in the form of trims in relief which frame the whole bas-relief set. It was the first of Turin's works to bear features of a more paranaense style, and the monument's included among the tombs bearing paranaense characteristics.

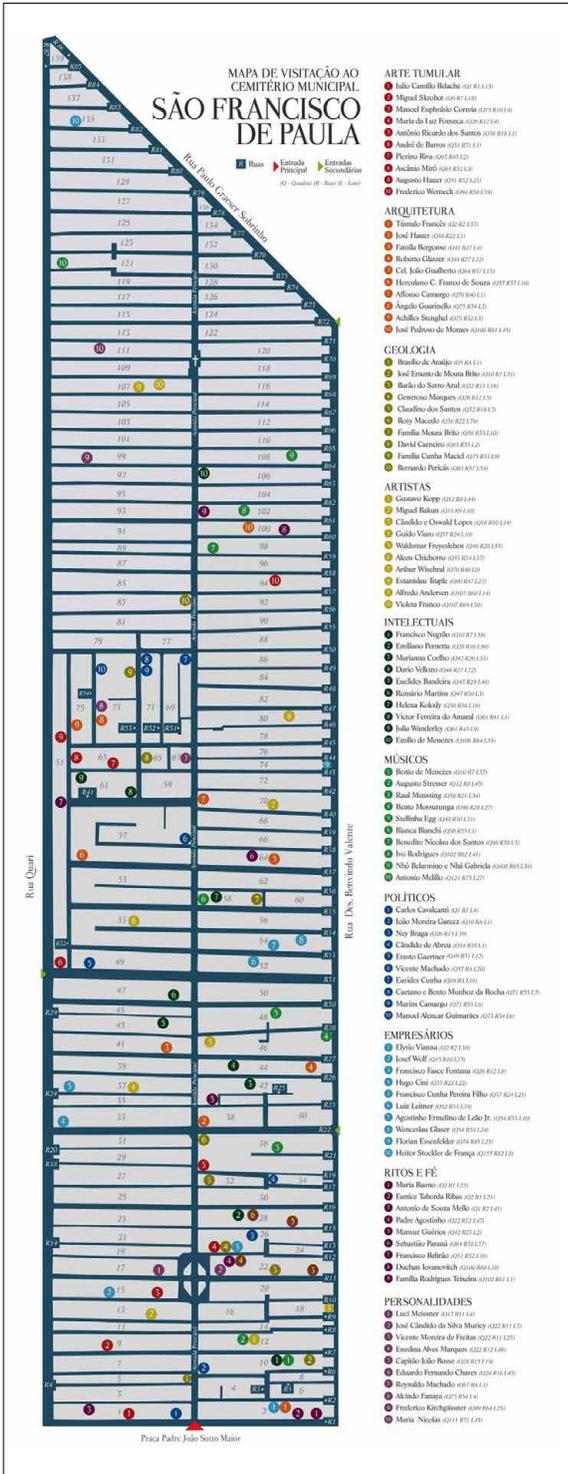
Right below the bust a Latin inscription may be read that says Pauperi nome tum benedictum, meaning The poor bless your name. A worthy homage to a man who devoted himself to charity and the less fortunate.



Para habilitar o leitor a compreender todas as informações contidas nos trajetos, os consultores de cada uma das áreas foram convidados a desenvolver textos explicativos em arquitetura, geologia e política.

A trajetória do cemitério desde sua criação aos dias atuais e a arte tumular presente foram aglutinados no texto "História e Arte na Necrópole". A inclusão da localização das sepulturas também em um

PAISAGENS HÍBRIDAS

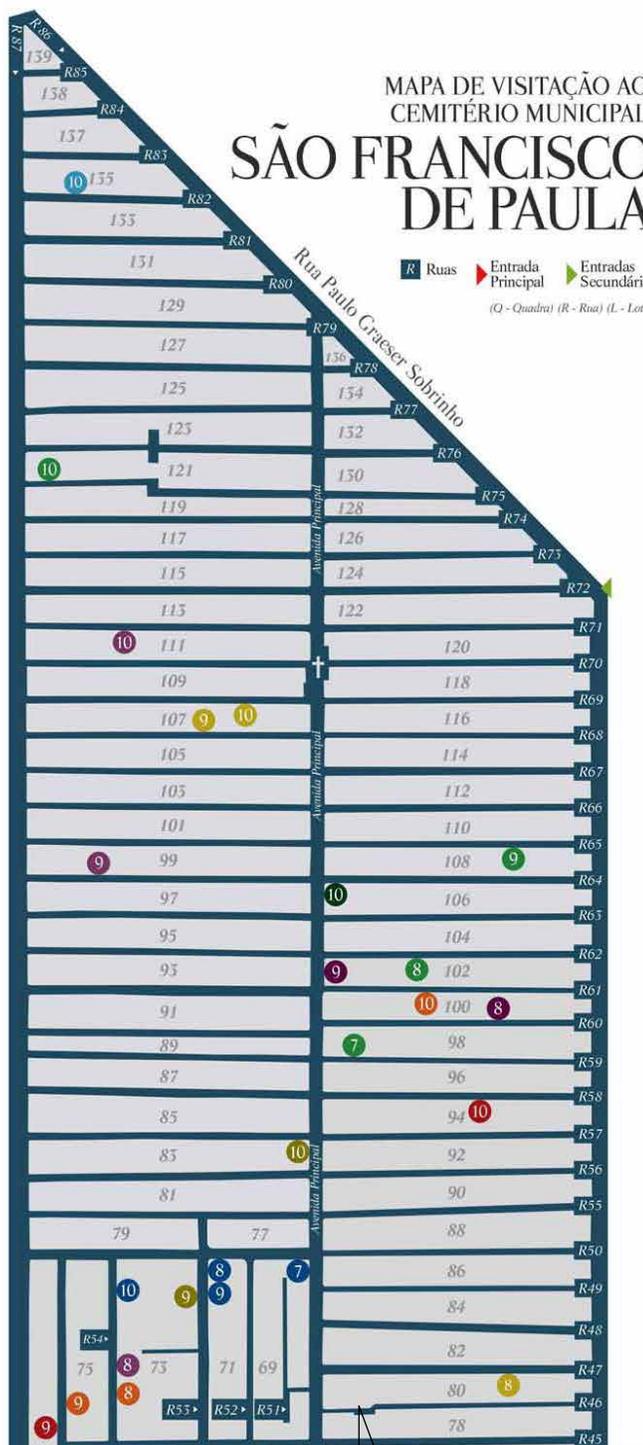


Il. 3a, 3b e 3c: Mapa geral e detalhes do Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Fonte: C. Grassi, 2014.

MAPA DE VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA

R Ruas Entrada Principal Entradas Secundárias

(Q - Quadra) (R - Rua) (L - Leste)



ARTE TUMULAR

- 1 Julio Camillo Belache (Q1 R1 L15)
- 2 Miguel Skrobot (Q9 R7 L18)
- 3 Manoel Eufrásio Correia (Q15 R10 L4)
- 4 Maria da Luz Fonseca (Q26 R12 L4)
- 5 Antônio Ricardo dos Santos (Q56 R18 L1)
- 6 André de Barros (Q51 R31 L1)
- 7 Pierino Riva (Q65 R45 L2)
- 8 Ascânio Miró (Q65 R32 L5)
- 9 Augusto Hauer (Q51 R32 L25)
- 10 Frederico Werneck (Q94 R58 L39)

ARQUITETURA

- 1 Túmulo Francês (Q2 R2 L37)
- 2 José Ernesto de Moura Brito (Q10 R7 L51)
- 3 Família Bergonse (Q41 R27 L4)
- 4 Roberto Glasser (Q44 R27 L22)
- 5 Cel. João Gualberto (Q64 R37 L13)
- 6 Herculano C. Franco de Souza (Q57 R37 L10)
- 7 Afonso Camargo (Q70 R40 L1)
- 8 Ângelo Guarínello (Q73 R54 L3)
- 9 Achilles Stenghel (Q75 R32 L3)
- 10 José Pedroso de Moraes (Q100 R61 L45)

GEOLOGIA

- 1 Brasília de Araújo (Q5 RA L1)
- 2 José Ernesto de Moura Brito (Q10 R7 L51)
- 3 Barão do Serro Azul (Q22 R11 L16)
- 4 Generoso Marques (Q26 R12 L5)
- 5 Claudino dos Santos (Q32 R18 L5)
- 6 Rosy Macedo (Q36 R22 L79)
- 7 Família Moura Brito (Q58 R35 L10)
- 8 David Carneiro (Q65 R33 L2)
- 9 Família Cunha Maciel (Q73 R33 L9)
- 10 Bernardo Pericás (Q85 R57 L54)

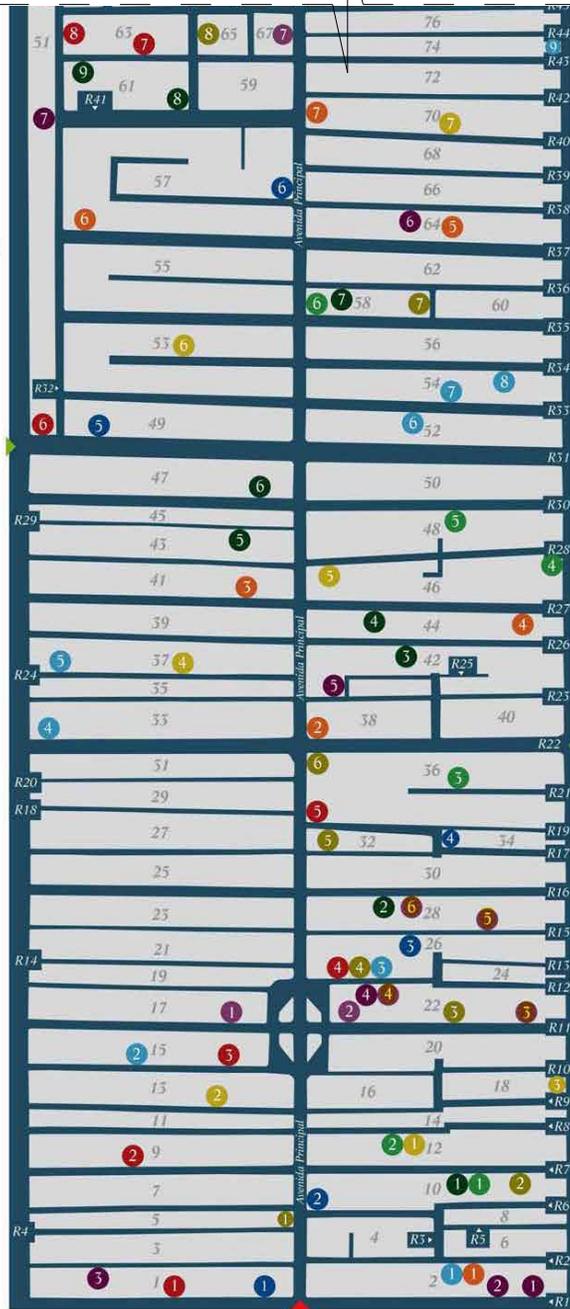
ARTISTAS

- 1 Gustavo Kopp (Q12 R8 L44)
- 2 Miguel Bakun (Q15 R9 L10)
- 3 Cândido e Oswald Lopes (Q18 R10 L14)
- 4 Guido Viaro (Q37 R24 L10)
- 5 Waldemar Freyesleben (Q46 R28 L53)
- 6 Alceu Chichorro (Q55 R34 L37)
- 7 Arthur Wischral (Q70 R40 L8)
- 8 Estanislau Traple (Q80 R47 L27)
- 9 Alfredo Andersen (Q107 R68 L14)
- 10 Violeta Franco (Q107 R69 L50)

INTELECTUAIS

- 1 Francisco Negrão (Q10 R7 L38)
- 2 Emiliano Pernetta (Q28 R16 L30)
- 3 Marianna Coelho (Q42 R26 L53)
- 4 Dario Vellozo (Q44 R27 L32)
- 5 Euclides Bandeira (Q45 R29 L48)
- 6 Romário Martins (Q47 R30 L5)
- 7 Helena Kolody (Q58 R36 L16)
- 8 Victor Ferreira do Amaral (Q61 R41 L1)
- 9 Julia Wanderley (Q61 R43 L9)
- 10 Emílio de Menezes (Q106 R64 L55)

PAISAGENS HÍBRIDAS



Praça Padre João Sotto Maior

MÚSICOS

- 1 Bento de Menezes (Q10 R7 L37)
- 2 Augusto Stresser (Q12 R8 L45)
- 3 Raul Messing (Q36 R21 L54)
- 4 Bento Mossurunga (Q46 R28 L27)
- 5 Stelliha Egg (Q48 R30 L51)
- 6 Bianca Bianchi (Q58 R35 L1)
- 7 Benedito Nicolau dos Santos (Q98 R59 L3)
- 8 Ivo Rodrigues (Q102 R62 L41)
- 9 Nhô Belarmino e Nhá Gabriela (Q108 R65 L36)
- 10 Antonio Melillo (Q121 R75 L27)

POLÍTICOS

- 1 Carlos Cavalcanti (Q1 R1 L4)
- 2 João Moreira Garcez (Q10 RA L1)
- 3 Ney Braga (Q26 R15 L39)
- 4 Cândido de Abreu (Q34 R18 L1)
- 5 Erasto Gaertner (Q49 R31 L12)
- 6 Vicente Machado (Q57 RA L20)
- 7 Eurides Cunha (Q69 RA L16)
- 8 Caetano e Bento Munhoz da Rocha (Q71 R55 L7)
- 9 Marins Camargo (Q71 R55 L8)
- 10 Mancel Alencar Guimarães (Q75 R54 L8)

EMPRESÁRIOS

- 1 Elysio Vianna (Q2 R2 L58)
- 2 Josef Wolf (Q15 R10 L15)
- 3 Francisco Fasce Fontana (Q26 R12 L8)
- 4 Hugo Cini (Q35 R22 L22)
- 5 Francisco Cunha Pereira Filho (Q37 R24 L21)
- 6 Luiz Leitner (Q52 R33 L35)
- 7 Agostinho Ermelino de Leão Jr. (Q54 R35 L10)
- 8 Wenceslau Glaser (Q54 R54 L24)
- 9 Florian Essenfelder (Q74 R45 L25)
- 10 Heitor Stockler de França (Q135 R82 L8)

RITOS E FÉ

- 1 Maria Bueno (Q2 R1 L25)
- 2 Eunice Taborda Ribas (Q2 R1 L21)
- 3 Antonio de Souza Mello (Q1 R28 L41)
- 4 Padre Agostinho (Q22 R12 L47)
- 5 Mansur Guérios (Q42 R25 L2)
- 6 Sebastião Paraná (Q64 R38 L37)
- 7 Francisco Beltrão (Q51 R32 L16)
- 8 Duchan Iovanovitch (Q100 R60 L18)
- 9 Família Rodrigues Teixeira (Q102 R61 L1)

PERSONALIDADES

- 1 Lucí Meissner (Q17 R11 L4)
- 2 José Cândido da Silva Muricy (Q22 R11 L5)
- 3 Vicente Moreira de Freitas (Q22 R11 L25)
- 4 Eneida Alves Marques (Q28 R12 L46)
- 5 Capitão João Busse (Q28 R15 L19)
- 6 Eduardo Fernando Chaves (Q28 R16 L45)
- 7 Reynaldo Machado (Q67 RA L1)
- 8 Alcindo Fanaya (Q75 R54 L4)
- 9 Frederico Kirchgässner (Q99 R64 L25)
- 10 Maria Nicolas (Q111 R71 L45)

Rua Des. Benvenuto Valente

mapa avulso possibilitou que o leitor pudesse conhecer o cemitério através da leitura do guia impresso, ou pessoalmente, uma vez que o mapa indica os trajetos e localização de cada um dos túmulos. Todo o material veiculado no livro foi traduzido para o inglês, ampliando assim o alcance de público estrangeiro.

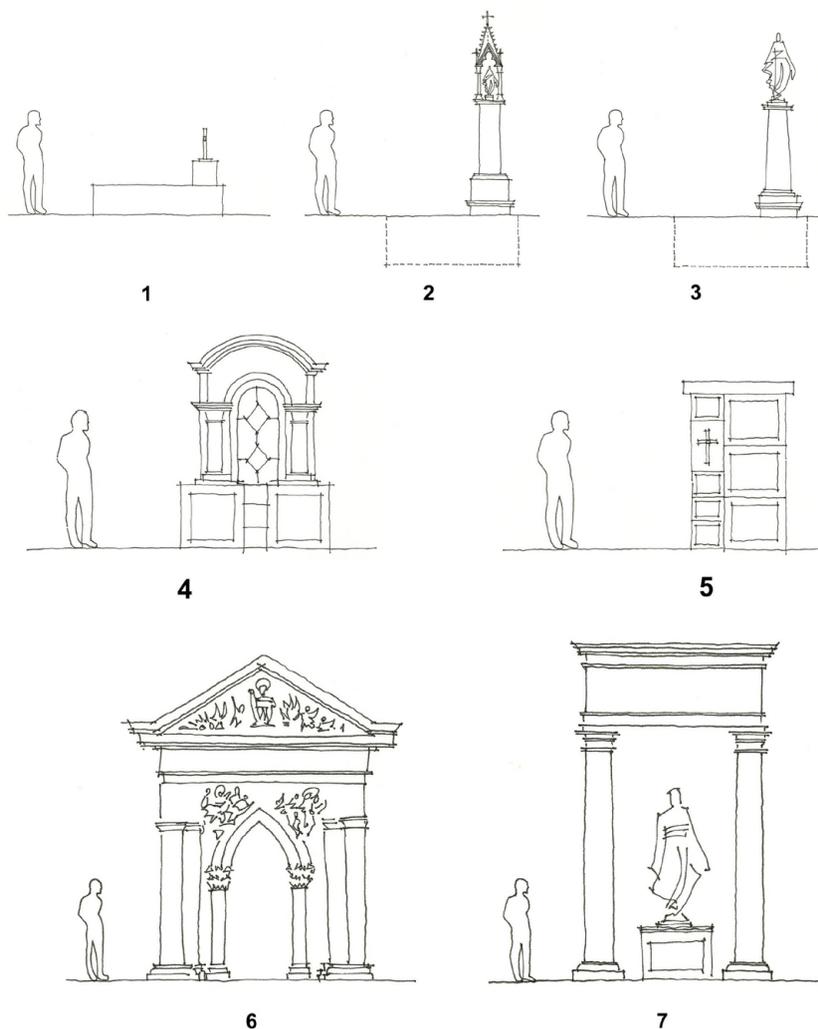
A ARQUITETURA

A análise deste universo amplo e complexo foi possível a partir de uma seleção tipológica, que teve como objetivo a classificação dos exemplares. Para isso foram selecionadas características essenciais, semelhanças e a percepção que há alguns *tipos*, ou, *mínimos arquitetônicos* que se replicam nos exemplares construídos no cemitério ao longo de sua existência. Esta repetição do *mínimo arquitetônico* identifica um agrupamento de edificações que possui semelhanças em sua essência, porém contém diferenças construtivas e volumétricas.

Segundo Hidaka (2000), o *tipo* caracteriza-se pela permanência de modelos constantes relacionados a condicionantes estéticos e estruturais, técnicas construtivas, parâmetros dimensionais e materiais utilizados, segundo o tempo e o local em questão. Para empreender essa identificação dos mínimos arquitetônicos, foi utilizado o sistema de classificação tipológica desenvolvido por Grassi e Batista (2014).

Tal classificação tipológica foi desenvolvida a partir das características do Cemitério Municipal São Francisco de Paula e está dividido em sete modalidades: sepultura, estela, oratório, jazigo capela, mausoléu, jazigo monumento, túmulo verticalizado e tipos singulares. (II.4)

Partindo do repertório construtivo da urbe, os mortos tiveram sua necrópole construída de forma semelhante em materiais e sistemas construtivos aplicados à cidade dos vivos. Do traçado inicial com cerca de 400 metros quadrados em 1854, ao atual (GRASSI, 2016), a divisão do cemitério em ruas e quadras passou por algumas transformações



Il. 4: Tipologia de classificação de túmulos segundo Grassi e Batista (2014). 1) sepultura, 2) oratório, 3) estela, 4) jazigo capela, 5) túmulo verticalizado, 6) mausoléu e 7) jazigo monumento.

Fonte: C. Grassi, 2014.

que alteraram suas edificações, conformando áreas com características mais peculiares em relação à arquitetura e à arte tumular.

Assim, em seu mais de um século e meio de existência, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula acumulou um vasto repertório de referências arquitetônicas e artísticas, desvelando de forma simbólica

um resumo de Curitiba, refletindo o sistema construtivo, volumetrias, disponibilidade de materiais, revestimentos e oferta de mão de obra, além do modo construtivo da cidade.

Por se caracterizar como um novo programa arquitetônico, a arquitetura da morte sofre influências de diversos programas arquitetônicos, sendo os principais o da arquitetura sacra e dos monumentos, perpassando pela arquitetura civil e pelo racionalismo construtivo presentes nas cidades brasileiras a partir do final da década de 1920. As referências arquitetônicas são múltiplas, tal qual Curitiba. Do Colonial Luso-Brasileiro ao Modernismo, contemplam-se também influências Ecléticas, Neocoloniais, *ArtDeco* e Paranistas (GRASSI, 2016, p. 32).

Sob a influência da religiosidade marcante no XIX, encontram-se as *sepulturas, estelas e oratórios*. A transição da secularização, com o advento da República e o auge da burguesia ervateira, iniciou o século XX com a inserção de *jazigos capela, mausoléus e jazigos monumental*, em que monumentalidade reverbera a busca de distinção social e o desejo de eternização de linhagens. Mas, o crescimento da cidade e seu conseqüente adensamento, também refletiu no cemitério a necessidade de verticalização. Entram em cena os túmulos *verticalizados*, racionais, onde função pressupõe forma.

É possível identificar entre seus muros construções que carregam elementos que remetem a fluxos migratórios, períodos econômicos, tendências arquitetônicas e artísticas, acompanhando o desenvolvimento histórico da cidade.

A GEODIVERSIDADE

O conceito de geodiversidade, segundo Antônio Liccardo (LICARDO, 2014, p. 51) abarca um enfoque ambiental que vem sendo utilizado na análise das relações entre o homem e o território. Refere-se aos elementos abióticos que compõem o meio ambiente e que dão

suporte ao desenvolvimento da vida e da biodiversidade. Entre estes componentes estão os minerais e as rochas, rios, montanhas, solos e fósseis, que vêm sendo considerados e, eventualmente, valorizados como patrimônio natural e cultural, conforme diretrizes da UNESCO.

Assim como a tipologia dos túmulos é uma fonte reveladora de representações sociais, o aproveitamento de rochas na arquitetura constitui um reflexo da geodiversidade disponível em uma região e demonstra características peculiares dos locais de onde foram extraídas. Um olhar mais detalhado sobre os materiais líticos utilizados nas construções pode demonstrar não só a composição geológica do lugar, como também importantes aspectos históricos e culturais da sociedade que as construiu.

As rochas predominantemente encontradas neste cemitério são os mármore importados e nacionais, os granitos do Paraná e de São Paulo e as rochas negras como o diabásio e o gabro. Outras rochas estão presentes em muito menor quantidade e apresentam enorme variedade de procedências, algumas, no entanto, merecendo destaque como o lioz, o sienito ou os arenitos.

O levantamento dos tipos litológicos presentes no Cemitério São Francisco de Paula trouxe à tona uma importante informação quanto à predominância no uso de certas rochas ao longo da história do município. A utilização de diabásio em lápides e cantarias é característica dos primórdios do cemitério, por ser o material de fonte mais próxima apto para este uso. As primeiras pedreiras localizavam-se dentro do que hoje é o centro de Curitiba. Também houve o uso intenso por volta dos anos 1940, por questões de moda e uma associação estética das rochas negras com o sentimento de luto. Em boa parte das calçadas que pavimentam as ruas do cemitério (e da cidade) foram utilizadas de lousas de diabásio.

Com a chegada da ferrovia, Curitiba passou a receber o granito proveniente dos contrafortes da Serra do Mar (Borda do Campo),

no início do século XX. Toda a cidade recebeu pavimentação com esta rocha na forma de paralelepípedos, lousas e cantarias. Este fato refletiu-se no contexto do cemitério, já que a maior parte das cantarias foi realizada com esta rocha entre 1900 e 1970 e é a mais presente entre os túmulos. Obras de maior refinamento em granito são ligadas ao movimento positivista que apresenta seu auge, no Paraná, nas primeiras décadas do século XX.

A definição das elites e burguesia paranaenses e a presença de imigrantes italianos refletem-se claramente no uso intenso de mármore de Carrara e no refinamento estético da estatuária e da cantaria, que expõe a riqueza e a pompa desde o final do século XIX até meados do século XX.

Este levantamento trouxe à tona a possibilidade de interpretação da informação litológica para um melhor entendimento da história e das sutilezas socioculturais. O conteúdo sobre a geodiversidade e seu uso no meio urbano mistura-se facilmente com outros conteúdos, o que aponta a possibilidade de integração deste segmento no amálgama cultural em análises de patrimônio.

ARTE TUMULAR

Através do levantamento das esculturas e adornos presentes nos túmulos, foram identificadas obras originárias de países como Itália, Portugal, França, Uruguai, Alemanha. Dentre os escultores, estão obras assinadas por Alberto Bazzoni, Eugênio Prati, Roque de Mingo, Erbo Stenzel, João Turin, Oswald Lopes e Martinelli, além de obras executadas pelos marmoristas Carlos Hübel, Emanoele Cresta e Geóssia Moneda.

A REALIZAÇÃO DAS VISITAS GUIADAS

O processo de pesquisa e editoração da parte impressa do Guia de Visitação levou três anos ao total. Entretanto, já no primeiro ano de pesquisas, em 2011, foi dado início à realização das visitas guiadas.

Somadas às informações de pesquisas anteriores do livro sobre arte tumular *Um olhar... a arte no silêncio* (GRASSI, 2006), foi traçado um trajeto para a realização de uma visita durante o evento “Virada Cultural”. Sob o mesmo enfoque do guia impresso, a visita guiada foi estruturada contemplando informações sobre as personalidades sepultadas, seus túmulos e significados inerentes, com a vantagem da possibilidade de abarcar um número maior de exemplares de construções e personagens, por não sofrer limitações de uma publicação impressa.

Realizado pela Fundação Cultural de Curitiba, o evento que estava em sua terceira edição, apresentava uma programação em 80 espaços participantes e centenas de atrações entre espetáculos, exposições, debates, mostras, instalações, desfiles, shows, performances entre outras atividades em sua maioria franqueadas ao público.

Após a apresentação de um projeto, a visita ao cemitério foi incluída na programação e ocorreu em três edições, contando com um público total de 102 pessoas, inscritas previamente por e-mail. Diante da aceitação do público e da procura por novas edições, no ano seguinte, em 2012, foi novamente realizada a atividade durante a quarta edição da Corrente Cultural, somando um público de 120 participantes em 4 turmas. A partir do ano de 2013, com um convite da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Curitiba, as visitas foram incluídas na programação da Semana de Meio Ambiente.

Com o apoio na divulgação da atividade, as turmas disponibilizadas lotaram rapidamente, gerando um número de 220 participantes em 5 edições de visita. A partir do ano de 2014, além das edições durante a Semana de Meio Ambiente, cujo público foi de 180 pessoas em 4 atividades, foram realizadas visitas especiais no mês de fundação do cemitério. Assim, em dezembro de 2014, foi realizado um sarau de poesias, contemplando a récita de poemas dos poetas e escritores ali enterrados, uma visita guiada focada em arquitetura e visitas guiadas noturnas.

A ampliação do trajeto visitado acompanhou o crescimento da pesquisa realizada para o Guia, cujas informações levantadas eram paulatinamente agregadas aos passeios. O aumento crescente de público fez com que as visitas passassem a ter periodicidade mensal. Gratuitas, a inscrição era realizada via e-mail, mediante envio de

Ano	Número de Visitantes
2011	192
2012	120
2013	232
2014	1157
2015	837
2016	646
2017	2201
Total	5385

Quadro 1 – Número de participantes das visitas guiadas ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula por ano.

Fonte: autora (2018).

nome completo e número do documento de identificação. As turmas contempladas tinham público máximo de 40 inscritos.

Desde a implantação das visitas guiadas, houve importantes desdobramentos. Em 2014 foi realizada uma visita inclusiva, com tradução simultânea para libras realizada pela professora Anne Carolina Silva Goyos Nascimento, destinada aos alunos com deficiência auditiva do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto. Em 2015, 12 alunos do *Projeto Ver com as Mãos do Instituto Paranaense de Cegos* realizaram uma visita adaptada com a orientação da Professora Diele Pedrozo Santo. Uma segunda turma de alunos realizou a visita padrão contando com a audiodescrição.

A Fundação Cultural de Curitiba realizou a abertura de um edital para o inventariamento das tendências arquitetônicas deste cemitério com vistas à inclusão de edificações na Lei de Preservação do Patrimônio (aprovada no âmbito municipal em 2016). A abertura do edital se deu

em 2014 e a equipe que trabalhou na elaboração do Guia o venceu, publicando em 2016 seus resultados no livro *Memento Mortuorum – Inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula*, que também traz uma proposta de preservação deste local a partir da delimitação de zonas com diferentes modalidades de conservação. Atualmente o processo de tombamento encontra-se em tramitação.

Com a divulgação das visitas em mídias sociais como o *Facebook*, vem crescendo o número de turistas que ao visitarem a cidade de Curitiba, solicitam informações sobre a possibilidade de participação nos passeios. Já foi iniciado um diálogo com a Secretaria Municipal de Turismo para a inclusão do Cemitério Municipal São Francisco de Paula nas informações dos roteiros turísticos oferecidos pela cidade.

A partir do ano de 2017, as atividades de visitação guiada ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula foram incorporadas à Fundação Cultural de Curitiba. Com a institucionalização da atividade, foi possível gerar o desdobramento das atividades em três modalidades de visitas guiadas: padrão, temática (com temas e trajetos específicos ligados a datas comemorativas como mulheres, personalidades negras, imigrantes, artistas, músicos, empresários, etc) e noturna. Ao menos duas vezes ao mês são realizadas atividades de visitação, que agora também incluem o atendimento a universidades e instituições educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o historiador português Francisco Queiroz (2005), no século XIX os cemitérios foram concebidos quer para os mortos, quer para os vivos. Ou seja, os cemitérios criados no período Romântico foram concebidos precisamente para serem visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época. Com o declínio do romantismo, os cemitérios são deixados de lado e somente retornam à tona nas décadas de 70 e 80, imbuídos de noções como a herança cultural e de patrimônio.

A exemplo de países que já possuem programas de turismo cemiterial como França (sendo o Cemitério de Père Lachaise o quarto ponto turístico mais visitado em Paris), Itália, Espanha, Argentina, Chile e Estados Unidos, o Brasil vem implantando lentamente programas de visitação em seus principais cemitérios, a citar Cemitério da Consolação (em São Paulo), Cemitério São João Batista (no Rio de Janeiro), Cemitério Senhor do Bonfim (em Minas Gerais) e Cemitério da Santa Casa (em Porto Alegre). Trata-se de uma leitura parcial da potencialidade de resgate histórico/cultural que estes campos santos oferecem. A implementação de ações a médio e longo prazo, como visitas guiadas com periodicidade fixa trazem a oportunidade de estruturação de ações mais efetivas com relação à questão da educação patrimonial ligada ao turismo cultural, além de chamar a atenção da população local sobre a necessidade de preservação destes cemitérios. É nesse sentido que

[...] o turismo cultural pode ser compreendido como um segmento da atividade turística que, por meio da apreciação, da vivência e da experimentação direta de bens do patrimônio cultural, material e imaterial, e da mediação da comunicação interpretativa, proporciona aos visitantes a participação em um processo ativo de construção de conhecimentos sobre o patrimônio cultural e sobre seu contexto sócio-histórico. Em última escala, este processo auxiliará a produção de novos conhecimentos e a conservação dos bens visitados. (COSTA, 2009, p. 190).

O turismo cultural surge como uma ferramenta que tem potencial para viabilizar a propagação dos cemitérios enquanto locais repletos de registros e manifestações. Para Poulot, ao olhar instruído, o monumento ou as ruínas oferecem o livro aberto da história (POULOT, 2009, p. 159). Uma espécie de imediatidade da leitura, resultados de longos esforços preliminares culminam em uma história que se absorve pelos olhos. Nas últimas décadas, as atenções começaram a se voltar para os cemitérios enquanto fonte para estudos, representação

da cultura e do passado e locais inspiração artística e visitação turística. As potencialidades de tais locais são múltiplas e podem ser desenvolvidas nas áreas da cultura, patrimônio, história e turismo.

Com o suporte de material que oriente os visitantes a compreender melhor a importância histórica, artística e cultural dos cemitérios, assim como a necessidade de sua preservação, poderemos apontar esse tipo de ação também como educação patrimonial. Pois, segundo Oliveira,

[...] a educação patrimonial pode ser entendida como um processo sistemático e permanente por meio do qual os indivíduos se apropriam dos bens culturais e entendem a necessidade e a importância da valorização e preservação do patrimônio cultural, colocando-se como agentes diretos. Desse processo também decorre o fortalecimento das identidades individuais e coletiva (OLIVEIRA, 2011, p.11).

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula guarda dentro de seus muros uns dos mais expressivos e diversificados conjuntos arquitetônicos de Curitiba. Entre suas edificações, estão construções que datam do final do século XIX até os dias atuais, demonstrando a influência de diversas correntes arquitetônicas.

Tal como a cidade, a paisagem do cemitério está em constante mudança. Com o crescimento das cidades e consequente estrangulamento das áreas destinadas aos cemitérios, a carência de jazigos livres para sepultamento forçou famílias concessionárias de túmulos a investirem em reformas com o intuito de aumentar a capacidade de armazenamento dos jazigos.

Assim cemitérios extramuros sofrem constantemente com a descaracterização dos túmulos, em função de ampliações ou reformas e até mesmo com atos de vandalismo e roubos. Isso implica em intervir na arquitetura original dos túmulos, muitas vezes abandonada por

completo após a reforma. De acordo com Maria Elizia Borges (BORGES, 2002) a modernização das áreas mais antigas dos cemitérios tem um impacto negativo na arte tumular. As construções modernas muitas vezes implicam na demolição dos túmulos causando a destruição de peças com grande valor artístico.

É natural que estes jazigos sofram constantes intervenções pelas famílias, sejam elas na busca de ampliação na capacidade de carneiras, assim como adequações estéticas aos gostos de época. Entretanto se faz premente a adoção de uma política de conservação e preservação dos exemplares de relevância histórico e artística no cemitério. Para que uma ação de tombamento possa ser efetiva, é necessário o envolvimento da comunidade em sua preservação, é necessário que haja o sentimento de pertença. As ações de educação patrimonial e de turismo cultural corroboram para que esse patrimônio possa ser conhecido e reconhecido pela população, contribuindo para sua valorização e manutenção.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. *O homem diante da morte*. V. 1, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. *O homem diante da morte*. V. 2, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2002.
- CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.
- COELHO, Antonio Martins. *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva, 1991.
- COSTA, Flávia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: Senac, 2009.
- FRANCISCO QUEIROZ, 2005, Porto. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. [s. L.]: In: Congresso "Repensar As Cidades – Novos Tempos Para As Velhas Cidades", 2005. Disponível em: <<http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>>. Acesso em: 01. ago.2012.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. *Educação Patrimonial no IPHAN*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Diretoria de Formação Profissional, Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2011.

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos vivos – arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

FERREIRA, J. M. Simões. *Arquitetura para a morte: a questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitetura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

GRASSI, Clarissa. *Um olhar... A arte no silêncio*. Curitiba: Clarissa Grassi, 2006.

_____. *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula: arte e memória no espaço urbano*. Curitiba, Clarissa Grassi, 2014.

_____. *Memento Mortuorum: inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula*. Curitiba: Clarissa Grassi, 2016.

GRASSI, Clarissa, BATISTA, Fabio D. *Em nome do pai: análise do mausoléu familiar como fato de distinção na arte tumular*. *Habitus.*, v.10, p.241 - 257, 2012.

HIDAKA, Lúcia Tone Ferreira. *A essência do existir: um estudo sobre a conservação da autenticidade tipológica de áreas históricas patrimoniais – o caso do centro histórico de Belém do Pará – CHB*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

LICCARDO, Antonio, GRASSI, Clarissa. *Geodiversidade no Cemitério Municipal de Curitiba como elemento cultural em análises de patrimônio*. *Geonomos.*, v. 22, p. 48 - 57, 2014.

_____. *La pietra e l'uomo: cantaria e entalhe em Curitiba*. São Paulo: Beca-Ball Edições, 2010.

MOTTA, Antonio. *À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2008.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

_____. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

_____. *A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto "campos santos" (1798-1851)*. In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. n. 8, 2014. p. 257-278.